

EPICURO, MARX E A CRÍTICA DA RELIGIÃO: ALGUMAS NOTAS ***EPICURE, MARX AND RELIGION'S CRITICISM: SOME NOTES***

Romero Venancio
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Resumo: O nosso trabalho tem por objetivo apresentar a leitura que Marx faz da obra de Epicuro e o significado que teve esse “primeiro materialismo” para o pensador alemão. O nosso introdutório trabalho está dividido assim: um breve comentário a vida de Epicuro e a sua filosofia e em seguida uma apresentação da leitura que Marx faz de Epicuro no seu trabalho inicial de doutoramento.

Palavras-chave: Epicuro; Marx; Materialismo; Iluminismo

Abstract: Our work aims to present Marx's reading of Epicure work and the meaning of this “first materialism” to the German thinker. Our introductory work is divided in this way: a brief commentary on Epicure's life and philosophy followed by a presentation of Marx's analysis about Epicure on his doctorship's initial work.

Keywords: Epicure; Marx; Materialism; Iluminism

Introdução

A primeira obra de Marx, intitulada *A diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro* (escrita entre 1840- 1841), embora partindo de uma visão marcadamente hegeliana, já começa a transcender a marca do idealismo alemão ao levantar a questão do conflito entre filosofia especulativa e materialismo. A nossa leitura do trabalho de Marx sobre Demócrito e Epicuro é a de que ela representou um esforço de reconciliação com as implicações da “dialética materialista” do antigo filósofo grego Epicuro, tanto do ponto de vista do sistema filosófico hegeliano quanto, até certo ponto transcendendo este último. Ainda percebemos uma tentativa indireta de haver-se com o problema que a tradição materialista dos iluminismos francês e inglês, com forte inspiração em Epicuro, suscitou para a filosofia hegeliana. Um risco, temos consciência que corremos, a saber, o de “anacronismo”. Marx lia Epicuro como um “iluminista” da antiguidade e lhe atribuía a caracterização de “materialista”, palavra absolutamente moderna. Mas reconhecemos um quê de verdade na leitura de Marx: tanto “iluminismo” (no que diz respeito à crítica da religião) como “materialista” (na sua concepção de átomo e corpo) na visão do pensador grego, pode ter alguma aproximação com os termos modernos.

Sobre Epicuro e sua filosofia: algumas notas

Epicuro foi um grego nascido na ilha de Samos em 341 a. C. Em aproximadamente, 306, Epicuro abriu seu “Jardim”, sede da sua escola filosófica e que até sua morte em 271 a. C. havia-se tornado influente em todo mundo grego. Epicuro viveu o trágico período que se seguiu à hegemonia macedônia no qual o império de Alexandre foi disputado pelos seus sucessores; uma época em que a atividade política parecia particularmente ineficiente. Daí ele pregar aos seguidores uma espécie de “materialismo contemplativo” (leitura moderna da postura política e epistemológica epicurista) e no qual podiam-se perceber implicações práticas mais radicais. A filosofia de Epicuro teve grande impacto no pensamento da antiguidade até a era romana, mas sua obra havia quase que se perdido durante a idade média, quando ele e seus seguidores foram incluídos entre os principais adversários heréticos do cristianismo (Thrower, 1982). Assim, na era moderna sua obra era conhecida principalmente através de fontes secundárias, sendo a mais importante a grande obra do poeta romano Lucrécio *De rerum natura*, em que ele reproduzia fielmente, como demonstraram os estudos modernos, as principais idéias e até a fraseologia do mestre (Heller, 1980). Epicuro inspirou-se na obra dos atomistas gregos Leucipo e Demócrito, que viam toda realidade como consistindo num número infinito de átomos imutáveis, pequenos demais para serem vistos, mas de diferentes formatos e tamanhos, que existiam num vácuo. Estes átomos tinham a propriedade do

movimento e se combinavam e separavam de vários modos para formar os objetos dos sentidos. Em Demócrito, os átomos tinham duas propriedades primárias: o tamanho e a forma (Duvernoy, 1993). Muitas interpretações de Demócrito (desde os conflitos das fontes antigas) também alegam que ele atribuía ao átomo a propriedade do peso, de modo que o movimento ocorria em linhas retas e direção descendente (embora estas propriedades dos átomos sejam mais intimamente associadas com a obra de Epicuro). O desvio mais claro de Epicuro em relação a Demócrito está no acréscimo da proposição de que os átomos não se moviam segundo padrões inteiramente determinantes; em vez disso, alguns átomos “rabeavam”, criando o elemento do acaso e da indeterminação (e assim criando o espaço para a *liberdade*, tema central na reflexão de Marx sobre Epicuro).

A filosofia de Epicuro era um sistema lógico extremamente coeso e, uma vez estabelecidos alguns pressupostos iniciais, a maior parte do resto parecia seguir-se principalmente por dedução. Entre as deduções mais importantes estavam as noções de “espaço ilimitado” e “tempo infinito”. Epicuro também se referia à extinção de espécies e desenvolvimento humano a partir de origens animais. A sua “filosofia atomista” (sensualista, na leitura de Marx) parecia antecipar-se em grau impressionante as descobertas da ciência, e de fato foi extremamente influente entre muitos dos principais cientistas da “revolução científica” do século XVII e do Iluminismo. As proposições iniciais da filosofia natural epicurista eram de que nada era criado a partir do nada ou por alguma vontade divina. Juntas, estas duas proposições constituem o que se virá a chamar-se de “princípio da conservação” (Lange, 1974). O “materialismo” de Epicuro implicava a expulsão do poder divino e de princípios teleológicos da natureza. Os deuses, embora continuassem a existir, estavam confinados aos espaços na interseção dos mundos. Além disso, Epicuro opunha-se a todo determinismo absoluto no tratamento da natureza. Nenhum determinismo ou essencialismo poderia explicar “acontecimentos feitos”, segundo Epicuro, porque tais acontecimentos pertenciam ao reino do acidental, da contingência. A rejeição por Epicuro de qualquer forma de reducionismo, comumente atribuída a pontos de vista materialistas, evidenciava-se no desenvolvimento de uma sofisticada epistemologia, que dependia não de simples sensações, mas também do seu famoso conceito de “antecipação” (às vezes citado como “pré-concepção”), um conceito a que ele deu origem. Segundo o filósofo latino Cícero, a noção de “antecipação” (“prolepsis”) de Epicuro era a coisa

preconcebida pela mente, sem a qual a compreensão, a investigação e a discussão são impossíveis. Daí que o “Epicuro materialista” de Marx precisa ser entendido com uma clara compreensão da atividade do sujeito a cada etapa na aquisição do conhecimento. Isto sugeria que os seres humanos eram fisicamente dotados de características que incluíam a capacidade de raciocinar. Apesar da sensação em si não ter conteúdo mental, ela dá lugar ao processo mental de discriminação de sensações em termos de categorias gerais construídas com base em sensações repetidas, mas que, uma vez adquiridas, existem na mente de forma um tanto independente e se tornam a base para organizar os dados em categorias prontas. É nesse sentido que Epicuro se refere a elas como “antecipações”.

A ética epicurista é derivada da “perspectiva materialista” do filósofo do jardim, na sua ênfase na mortalidade e liberdade. O ponto de partida essencial para uma ética epicurista era a superação do medo da morte fomentado pela superstição e pela religião estabelecida. Isto levou Marx a afirmar ser Epicuro o maior “iluminista da antiguidade”. Epicuro desenvolve um “materialismo contemplativo” que podia ser agudamente distinguido do amor mais idealista de Platão pela contemplação. O importante para Epicuro era a contemplação do que podia materializar-se na existência humana e não num eterno além. A ética epicurista, que defendia a satisfação das próprias necessidades neste mundo, era baseada na busca expediente do prazer e na forma de evitar a dor (Duvernoy, 1993). Mas Epicuro não via isto de maneira cruamente hedonista, porém em termos da existência global, que reconhecia em alguns prazeres imediatos dores maiores. Epicuro defendia uma vida simples, abandonando a busca da riqueza como objetivo maior de uma vida. O requisito mais importante de uma vida boa para ele era a amizade, que se tornou o princípio através do qual a vida e a sociedade deveriam ser ordenadas. A amizade não era apenas um princípio ético que dizia respeito a indivíduos, mas envolvia implicações políticas mais amplas. Segundo o próprio Epicuro, “*de todas as coisas que a sabedoria adquire para produzir a benção da vida completa, a maior, de longe, é a posse da amizade*”. Este não era apenas um princípio ético relacionado principalmente ao que diz respeito aos indivíduos, mas envolvia implicações políticas mais amplas. A amizade, no uso greco-romano tem ressonância política ausente dos conceitos modernos. *Philia* em grego (*amicitia* em latim) era regularmente como um fundamento de coesão social. No jardim de Epicuro as mulheres eram bem-vindas e membros respeitados da comunidade e das discussões filosóficas.

Entre as contribuições mais importantes de Epicuro estava o seu conceito de justiça (que exerceu forte influência em Marx). “A justiça nunca é nada em si mesma, mas nas relações dos homens uns com os outros em qualquer lugar e em qualquer tempo ela é uma espécie de pacto de não lesar nem ser lesado”, afirma Epicuro. No filósofo grego encontrava-se uma concepção “materialista” – em oposição a “idealista” – de lei que negava que a lei fosse dotada de um aspecto transcendente afora as necessidades da interação social humana. Como Marx salientaria mais tarde, foi Epicuro o primeiro que originou a noção de contrato social (Marx, 1979)

Uma outra contribuição importante de Epicuro esta na sua filosofia da natureza como ponto de partida de um “princípio de conservação”, e portanto a tendência a uma visão de mundo “ecológica”. Isto é particularmente evidente na obra de Lucrecio, que levantou algumas questões que agora são consideradas ecológicas (Wolff, 2006). Lucrecio (inspirado em Epicuro) aludiu à poluição atmosférica causada pela mineração, à redução das colheitas pela degradação do solo e ao desaparecimento de florestas; além de argumentar que os seres humanos não eram radicalmente distintos dos animais.

O Epicuro de Marx

Nas *Lições de História da filosofia* de Hegel, o epicurismo era retratado como representando o desenvolvimento da individualidade abstrata; o estoicismo, a uma universalidade abstrata; e o ceticismo, a escola que invalidava as outras duas. A física de Epicuro, na visão de Hegel, era nada mais que o princípio da física moderna e seria ele um “inventor” da ciência natural empírica, da psicologia empírica e Hegel vai mais longe na sua “hermenêutica” do pensador grego: seria um “iluminista antigo”, por ter introduzido a crítica ao temor dos deuses. Mas Epicuro, embora representando para Hegel o ponto de vista da ciência moderna, também representa a pobreza filosófica da ciência (Hegel, 1988). Esta mesma visão do epicurismo foi mais tarde levada adiante pelos “jovens hegelianos” que defendiam que o epicurismo, em particular havia pré-configurado o Iluminismo europeu dos séculos XVII, XVIII e XIX, visto por todos eles como constituindo um período de crescente auto-consciência, individualidade abstrata e rejeição do poder divino em relação à natureza.

Em 1840, um amigo de Marx, chamado Karl Friedrich Koppen publicou uma sobre Frederico, o grande e seus oponentes. Frederico (1712-1786) era considerado pelos jovens hegelianos um partidário

moderno do epicurismo, uma espécie de “materialismo vestindo uma coroa” nas palavras de Heinrich Heine. Já os Românticos, a exemplo de Schlegel, deplorava o que entendia por “materialismo tosco” de Epicuro e lamentava que desde meados do século XVIII a filosofia de Epicuro graçava como “filosofia dominante” na França. O livro de Koppen, segundo John Bellamy Foster, via na conexão entre o epicurismo e o Iluminismo moderno uma virtude, um feliz encontro (Foster, 2005). Um detalhe importante: esta obra do Koppen é dedicada ao amigo Karl Marx. No prefácio à sua tese de doutorado, apresentada em 1841, Marx se refere de modo favorável à obra do amigo. Na tese, Marx optou por voltar-se para a filosofia de Epicuro mesma, com o objetivo de esclarecer o modo como à filosofia epicurista havia antecipado a ascensão de materialismo e humanismo do Iluminismo europeu dos séculos XVII e XVIII. Para Marx Epicuro foi “o maior representante do Iluminismo grego, e merece o louvor de Lucrecio” (Marx, 197. p.24). A observação de Marx não é arbitrária, podemos ler em Lucrecio um elogio a Epicuro como portador de uma “luz mental interna” capaz de dissipar as sombras da superstição semelhante aos raios do sol. Marx, que havia estudado “Da dignidade e avanço do saber” (1623) de Bacon antes mesmo de se ter voltado para o estudo sistemático de Hegel, estava bem a par da crítica de Bacon a Epicuro por acomodar e sujeitar a sua filosofia natural à moral, mas Marx viria transformar esta disposição de Epicuro num ponto forte em comparação com a filosofia de Demócrito. Além do mais, Marx foi sem dúvida, influenciado pelo ataque de Bacon ao raciocínio a partir das causas finais à moda da teologia natural, e pelo argumento de Bacon de que a filosofia natural dos antigos materialistas Demócrito, Epicuro e Lucrecio era superior à de Platão e Aristóteles, precisamente graças à recusa em argumentar a partir de causas finais e ao seu distanciamento de Deus e dos argumentos teológicos. Como Bacon, Marx associou na sua tese a imagem de Prometeu com a dos atomistas gregos, embora no caso de Marx tenha sido Epicuro, e não Demócrito, a contrapartida de Prometeu na antiguidade. Na época em que estudava Bacon, Marx também dedicou algum tempo a ler a obra de Samuel Reimarus (1694-1768), principalmente as suas críticas ao materialismo epicurista, do ponto de vista da teologia natural. Contra Epicuro, o teólogo alemão buscou demonstrar o argumento da comprovação da existência de Deus pelo “desígnio divino e imponderável”. Seria também para esses assuntos, associados com o materialismo e seu conflito com a teologia natural, que Marx se voltaria, embora um tanto indiretamente, ao escolher o tópico da sua tese de doutoramento (Thower, 1982).

O interesse de Marx na sua obra: *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*, é demonstrar como os dois pensadores atomistas gregos tentam fundamentar uma visão de mundo, reconduzindo toda a compreensão do cosmo ao átomo enquanto elemento último. Ora, uma tal perspectiva esta tradicionalmente ligada à idéia da metafísica, sob cuja forma o atomismo se apresenta a fim de explicar toda a ordem cosmológica a partir de um princípio. Assim, o cerne da investigação marxiana está em identificar qual dos dois atomistas conseguiu cumprir esta tarefa, e mais, determinar porque um conseguiu e outro não. Dito de forma mais geral, pode-se afirmar que o verdadeiro interesse de Marx era as condições de uma argumentação coerente, capaz de fundamentar a explicação da realidade num único princípio. A partir desse contexto, alguns pontos devem ser destacados desde o prefácio da tese de doutoramento. Em primeiro lugar, Marx refere-se à forma de texto que apresentava, avaliando que “a forma deste tratado teria sido, por um lado, mais estritamente científica, por outro lado, em muitos de seus argumentos, menos pedante, se sua finalidade primitiva não tivesse sido aquela de uma dissertação doutoral” (Marx, 1979. p.19). Não obstante, está convencido do valor de seu trabalho, no qual acredita ter solucionado um problema até então ainda não resolvido quanto à história da filosofia grega. Essa quase-lamentação, colocada como primeira frase do prefácio, é reveladora da forma oblíqua como o autor precisou tratar o tema central de seu interesse. A dissertação apresenta, na verdade, duas temáticas: uma aparente e ajustada à formalidade acadêmica; outra, subjacente e adequada a seu próprio esclarecimento. A primeira figura apenas enquanto motivo externo, que mais esconde do que mostra o verdadeiro interesse do marxismo pela atomística grega. Assim, pode-se dizer que o motivo externo da dissertação marxiana é a avaliação adequada de Demócrito e de Epicuro pela história da filosofia, enquanto o problema representado pelo verdadeiro interesse de Marx refere-se à interpretação das concepções daqueles atomistas à base de sua própria visão sobre a metafísica. Dito de outra forma, Marx está preocupado em identificar qual dos dois foi melhor sucedido na tarefa de fundamentar a compreensão do cosmos num princípio último exclusivo. Quanto ao conteúdo, afirma que sua dissertação deve ser vista apenas como uma parte preliminar de um trabalho mais amplo em que deveriam ser detalhadamente apresentados o epicurismo, o estoicismo e ceticismo em seus relacionamentos com o conjunto da especulação grega. É importante notar que já neste ponto Marx presta seu reconhecimento a Hegel, enquanto construtor de um imponente plano de história da filosofia, entretanto,

não deixa de marcar sua linha independente de reflexão, apontando a insuficiência hegeliana ao não perceber a importância capital dos “sistemas pós-aristotélicos” para a compreensão da forma especulativa grega. O último ponto a destacar do prefácio é o que trata da exaltação a Prometeu, o rebelde que não apenas concedeu aos homens o fogo da libertação como preferiu para si qualquer má fortuna à servidão. Ao salientar que a confissão de Prometeu é a própria confissão da filosofia, Marx deixa transparecer o verdadeiro estágio em que esse encontra seu pensamento. Sem dúvida acha-se embebido de materialismo, da anti-religiosidade e, especialmente, da suprema exaltação do ideal da liberdade que fervilham no ambiente cultural pelo qual se movimenta. Da mesma forma como os demais jovens do círculo intelectual que frequenta, o interesse marxiano está em realizar a fusão entre a filosofia de Hegel e o liberalismo, dando corpo, no âmbito da realidade alemã, aos impulsos libertadores do chamado *Esclarecimento* que já se havia corporificado no caso da França do Século XVIII em diante. Entretanto, diante dos seus colegas hegelianos, Marx se encontra em posição solitária (Lange, 1974). Não obstante os problemas encontrados no sistema de Hegel, pensa ser inadequado simplesmente abandoná-lo sem experimentar todo o potencial explicativo do verdadeiro pensamento filosófico. E é justamente nessa tentativa de revalorizar o modo de reflexão hegeliano, visando uma alternativa de luta pela liberdade que seja conceitualmente sustentável, que Marx põe-se a investigar as relações entre os atomismos de Demócrito e Epicuro. Não é outra sua expectativa do que garantir argumentativamente o caráter prometêico da filosofia que, arrancando o homem da servidão a outros deuses que não sua autoconsciência, pode conduzi-lo à liberdade almejada. Por isso Marx fecha o prefácio com a afirmação de que “Prometeu é o mais distinto santo e mártir no calendário filosófico” (Marx, 1979. p.26).

O corpo da dissertação marxiana inicia-se, inevitavelmente, com aqueles elementos exigidos pela forma acadêmica de redação, a qual Marx já lamentava anteriormente. Os primeiros passos são a delimitação do objeto da investigação e apresentação do estado do em que se encontra o tratamento da questão na literatura secundária. Já nesses pontos iniciais, destacam-se alguns pontos importantes. Inicialmente Marx toma a relação entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro tão somente como um exemplo da relação entre os sistemas pós-aristotélicos com a filosofia grega anterior, fixando-se na forma da especulação. O próprio Marx afirma: “Parece-me que, se os sistemas anteriores são mais significativos e

interessantes para análise do conteúdo da filosofia grega, os sistemas pós-aristotélicos, e em particular o ciclo das escolas epicurista, estóica e céptica, são ainda mais para o estudo da forma subjetiva, o caráter essencial dessa filosofia” (Marx, 1979. p.17). O jovem doutorando volta-se para a filosofia grega munido, sem dúvida, de um referencial hegeliano. Busca especialmente no atomismo de Epicuro, um modelo argumentativo que seja capaz de fazer de um princípio imanente o fundamento explicativo de toda a realidade.

Após a delimitação do tema a ser tratado na dissertação, Marx volta-se para a apresentação das diversas opiniões existentes ao longo da história da filosofia com respeito à relação entre Demócrito e Epicuro. Partindo da afirmação de que seu ponto de vista é diferente dos anteriores, cruza rapidamente a antiguidade, a idade média e a modernidade, mostrando como todos os comentaristas são unânimes em afirmar que Epicuro não teria passado de um plagiador de Demócrito. Assim Marx resume as posições encontradas na literatura secundária: “Assim, pois, enquanto Cícero censura Epicuro por desvirtuar a doutrina de Demócrito, conservando, pelo menos, a vontade de melhorá-la e o discernimento de seus defeitos, Plutarco o acusa de inconseqüência e de propensão para o erro, chegando até a suspeitar de suas intenções, Leibniz lhe nega mesmo a capacidade para fazer extratos de Demócrito. Todavia, todos são unânimes num ponto: Epicuro foi buscar sua física em Demócrito” (Marx, 1979. p. 21). A partir desse ponto, a afirmação final da passagem citada é que passa a merecer a maior atenção de Marx. Com efeito, ele tem extrema dificuldade em aceitar o fato histórico de que “existem muitos argumentos que defendem a identificação das físicas de Demócrito e Epicuro” (Marx, 1979. p.20). O jovem doutorando não pode concordar com tal posição. Segundo seu ponto de vista, os dois atomistas gregos estão, na verdade, em posição diametralmente oposta. Tendo passado pelos autores mais significativos na literatura secundária, os quais são unânimes pelo menos em que a física de Epicuro nada acrescenta à de Demócrito, conclui pela necessidade de alterar-se aquela convicção tradicional. Marx, sem dúvida, concorda em atribuir o atomismo enquanto fundamento comum a ambos, entretanto, descobre uma série de posições radicalmente opostas entre eles. Estas exigem-lhe uma explicação mais pormenorizada que consistirá em detalhar três argumentos que impedem a identificação das filosofias de Demócrito e Epicuro.

O primeiro argumento diz respeito à verdade e à certeza do saber humano. Segundo Marx, podem ser encontradas passagens contraditórias em Demócrito.

Apelando para os comentários de Aristóteles a Demócrito, extraídos da *Psicologia* e da *Metafísica*, o jovem Marx mostra que ora o atomista pré-socrático afirma que o fenômeno é o verdadeiro, ora que nada é verdadeiro ou que este nos é ocultado. E eis o pensamento contraditório e fundamento do ceticismo. E Marx vai mais além quando afirma ser o próprio pensamento de Demócrito sobre o átomo é que esta marcado por uma perspectiva céptica. Se Marx tem razão ou não, entendemos que não é aqui que iremos problematizar tal posição. O pesador alemão localiza a contradição intransponível em que se acha o filósofo grego. Por um lado, Demócrito faz do mundo sensível uma mera aparência subjetiva que não pode se apresentar como mundo verdadeiro; por outro lado, sua teoria necessita que o mundo seja regido por um princípio conceitual único, ou seja, o conceito de átomo. Desta forma, Marx alcança uma primeira conclusão que denuncia a incapacidade do atomismo de Demócrito em dar conta da realidade. Em Epicuro não existe espaço para uma posição céptica: “...enquanto Demócrito reduz o mundo sensível à aparência subjetiva, Epicuro faz dele um fenômeno objetivo” (Marx, 1979. p.23). De acordo com a leitura de Marx, a teoria de Epicuro apresenta uma capacidade de impor ao mundo sensível um princípio organizador exclusivamente dependente de próprio princípio. Dito de outro modo, é o conceito que impõe ao mundo sensível sua estrutura. Ressalte-se ainda que Marx não confunde essa perspectiva com aquela do tipo kantiano pois, no caso do atomismo de Epicuro, trata-se de um princípio inerente ao próprio mundo (e não transcendental a ele) e que cumpre ao papel de princípio organizado deste mesmo cosmos.

O segundo argumento elencado por Marx diz respeito a disparidade de postura frente ao mundo e à “prática científica” que decorre do modo de relacionar-se com a verdade pelos dois atomistas gregos. Quanto à conseqüência mais direta de suas diferentes posições teóricas: “Demócrito, para quem o princípio não se tornou fenômeno e permanece sem realidade e sem existência, tem, pelo contrário, à sua frente, como mundo real e concreto, o mundo da percepção sensível” (Marx, 1979. p. 24). Conforme o pensamento marxiano, é o ceticismo, o qual Demócrito não consegue evitar, que o joga em busca da infinita pluralidade das experiências empíricas, no inútil afã de abarcar a totalidade do saber. Compreendendo o mundo objetivo como mera aparência subjetiva, debate-se por não encontrar para ela qualquer amparo conceitual; a aparência acha-se fatalmente “separada do princípio e abandonada em sua realidade independente”. Desta forma, Marx acaba por concluir que a constante inquietude de Demócrito deriva da

insuficiência própria de sua teoria. “o saber que ele considera autêntico é o vazio de conteúdo; o que lhe oferece um conteúdo carece de verdade”(Marx, 1979. p. 23).

Já no caso de Epicuro sucede exatamente o inverso. Certo de que o princípio do átomo dá conta, coerentemente, de toda a realidade que se lhe defronta, despreza as ciências empíricas pois, segundo Marx: “... encontra a satisfação e a felicidade na filosofia” (Marx, 1979. p. 24). Essa diferença no modo dos dois pensadores gregos relacionarem-se com as ciências, decorrência imediata da forma como articulam suas teorias, mostra-se também no diferente comportamento de ambos frente à vida em geral. Também os elementos dessa natureza são tomados em conta por Marx que assim compara as duas personalidades: “Enquanto Demócrito viajou por todos os lugares do mundo, Epicuro apenas abandonou duas ou três vezes o seu jardim de Atenas e se dirigiu a Jônia, não para se dedicar a investigações mas para visitar amigos.” (Marx, 1979. p. 25).

O terceiro argumento trabalhado por Marx, no intuito de diferenciar os atomismos de Demócrito e Epicuro, refere-se ao relacionamento entre pensamento e ser. Sendo um aprofundamento das questões anteriormente mencionadas, essa última diferença evidenciada constitui-se no elemento principal a impedir a identificação dos dois atomismos. O cerne teórico da assimetria reside em que, como forma de reflexão da realidade, Demócrito reduz tudo à necessidade, ao passo que Epicuro a nega em favor do acaso (Wolff, 2002). E isso não traz a tona uma diferenciação menor. O que esta em jogo é a liberdade ou não do sujeito pensante que, por uma das vias, vê-se compelido à aceitação de todos os fenômenos enquanto realidades pré-determinadas, ao passo que, pela outra via, experimenta a liberdade de impor ao cosmos as regras dependentes exclusivamente do pensamento. Num dos pontos decisivos do atomismo de Epicuro, a saber, a declinação do átomo da linha reta (o *clinamen*), Marx elogia-o justamente por ele ter introduzido o “princípio da liberdade” como explicação para tal movimento. O que, entretanto, está associado a isto e que também ganha grande importância aos olhos de Marx é o fato de Epicuro subordinar a filosofia da natureza a uma concepção moral de Homem. O jovem Filósofo mostra que “...Epicuro reconhece que seu modo de explicação tem por objetivo a ataraxia da consciência de si e não o reconhecimento da natureza em si e por si” (Marx, 1979: 28). Tudo que possa perturbar o desenvolvimento autônomo do espírito humano deve ser categoricamente rejeitado, incluindo-se neste caso

tanto as leis físicas quanto as de natureza divina. Cabe salientar um aspecto importante da reflexão de Marx sobre Epicuro, isto é, como o pensador alemão constrói o “seu Epicuro”: trata-se do seu veemente elogio ao fato do atomista grego rejeitar qualquer deus, celeste ou terreno, que possa obscurecer a independência do Homem. Relacionada a esta postura encontra-se o significado atribuído por Marx à filosofia: ela carrega sempre consigo o atributo de liberdade “humana”. Esta, no estágio de amadurecimento intelectual em que se encontra o jovem doutorando, consiste na realização autônoma da auto-consciência do Homem.

Ao concluir e apresentar seu estudo sobre os atomismos de Demócrito e Epicuro, Marx atinge um determinado patamar da reflexão filosófica no qual tem em mãos duas idéias que cumprirão ambas, todo seu pensamento futuro posterior de sua filosofia. De ambas, todo o seu pensamento futuro não mais prescindirá, embora as duas recebam tratamento diferente em seus próximos escritos, tornando-se progressivamente mais consistentes. A primeira refere-se ao método ou à forma de argumentação filosófica. A experiência realizada a partir do atomismo grego confirmara-lhe as vantagens da argumentação de uma “forma de compreensão totalizadora”, ou seja, uma argumentação que visa a explicação de uma realidade total à base de um único princípio teórico. A segunda idéia sedimentada por Marx diz respeito ao “princípio de liberdade”. Compreendida dentro da rede conceitual da autonomia da consciência-de-si, agora extrapola o campo estritamente do pensamento e passa a ter ressonância na realidade propriamente humana. A constituição do pensamento de Marx consistirá no amadurecimento cada vez maior dessas duas idéias, as quais passarão a ser cada vez melhor definidas e, por consequência, torna-se-ão desenvolvimento mais consistente do ponto de vista filosófico (Wolff, 2002).

Referências

- CARTLEDGE, P. *Demócrito e a política atomista*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. col. Grandes Filósofos.
- DUVERNOY, J-F. *O epicurismo e sua tradição antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- EPICURO. *Obras completas*. (Trd. José Vara). Madrid: Cátedra Letras Universales, 1995.
- FOSTER, JB. *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FIGUEIRA, M. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- HEGEL, GWF. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Nova Cultura, 1988. Col. Os Pensadores.

HELLER, A. Estoicismo y epicureismo. In: *El hombre del renacimiento*. Barcelona: Ediciones Península, 1980.

LANGE, FA. *Historia del materialismo*. México: Juan Pablo Editor, 1974 . tomo I.

MARX, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. São Paulo: Global Editora, 1979.

MORAES, JQ de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.

NIZAN, P. *Os materialistas da antiguidade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972.

OLIVEIRA, A da R. *Marx e a liberdade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

PESSANHA, JA. Mota. As delicias do jardim. In: *Ética* (org. Adauto Novaes). São Paulo: Companhias das Letras, 1991.

THROWER, J. Breve história do ateísmo Ocidental. Lisboa: Edições 70, 1982.

WOLFF, F. Tudo é corpo ou vazio: Lucrecio. In: *Poetas que pensaram o mundo*. (org. Adauto Novaes). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. A invenção materialista da liberdade. In: *O avesso da liberdade*. (org. Adauto Novaes). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Sobre o autor:

Romero Venancio: Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe – UFSE. E-mail: romerov@uol.com.br.